

A audiodescrição (AD) na formação estética de futuros(as) pedagogos(as)

Audiodescripción (AD) en la formación estética de futuros(as) pedagogos(as)

Georgia Tath Lima de Oliveira  

gtathlo@gmail.com

Universidade Estadual do Ceará – UECE

Ana Cristina de Moraes  

cris.moraes@uece.br

Universidade Estadual do Ceará – UECE

Resumo

Neste artigo, apresentamos recorte de uma pesquisa de mestrado, cujo objetivo geral foi o de analisar de que modo a audiodescrição (AD) poderia influenciar no processo de formação estética de futuros(as) pedagogos(as). No referencial teórico, discutimos acerca da formação docente (SAVIANI, 2011; ANDRÉ, 2010; GATTI, 2010; TARDIF; LESSARD, 2005), Arte-Educação (EISNER, 2018; BARBOSA, 2018; LANIER, 2018; SCHILLER, 2011; OSTROWER, 2001; DUARTE JUNIOR, 1994), experiência e formação estética de professores (MORAES; OLIVEIRA; RIBEIRO, 2021; MORAES, 2015; SCHILLER, 2011; OSTROWER, 2001; VÁZQUEZ, 1999; LUKÁCS, 1963) e audiodescrição (OLIVEIRA, 2018; ARAÚJO, 2017; ADERBALDO; NUNES, 2016; ALVES; ARAÚJO, 2016; MOTTA, 2016; FRANCO; ARAÚJO, 2011; JIMÉNEZ, 2010; MOTTA; ROMEU FILHO, 2010; HOLLAND, 2009; DE COSTER; MÜHLEIS, 2007). A pesquisa apresentou natureza qualitativa (MINAYO, 2009), abordagem exploratória (MINAYO, 2009; GIL, 2008), com subsídios da pesquisa-formação (LONGAREZI; SILVA, 2013; NUNES; MOURA, 2019). A análise de dados se deu pelo método da análise de conteúdo (BARDIN, 1979). Os resultados apontaram que, além de ser um recurso de acessibilidade, a AD também pode atuar como um potente meio de formação estética de futuros(as) pedagogos(as), o que é de extrema relevância se levarmos em consideração que esses profissionais são os responsáveis por ministrar o componente curricular de Arte nos anos iniciais do ensino fundamental.

Palavras-chave

Audiodescrição. Formação Estética. Pedagogos(as).

Resumen


Presentamos un recorte de una investigación de máster, cuyo objetivo general fue el de analizar de qué modo la audiodescripción (AD) podría influir en el proceso de formación estética de futuros pedagogos. En el marco teórico, discutimos acerca de la formación docente (SAVIANI, 2011; ANDRÉ, 2010; GATTI, 2010; TARDIF; LESSARD, 2005), Arte-Educación (EISNER, 2018; BARBOSA, 2018; LANIER, 2018; SCHILLER, 2011; OSTROWER, 2001; DUARTE JUNIOR, 1994), experiencia y formación estética de profesores (MORAES; OLIVEIRA; RIBEIRO, 2021; MORAES, 2015; SCHILLER, 2011; OSTROWER, 2001; VÁZQUEZ, 1999; LUKÁCS, 1963) y audiodescripción (ARAÚJO, 2017; JIMÉNEZ, 2010; MOTTA; ROMEU FILHO, 2010; ADERBALDO; NUNES, 2016; ALVES; ARAÚJO, 2016; DE COSTER; MÜHLEIS, 2007; HOLLAND, 2009; MOTTA, 2016; OLIVEIRA, 2018). La in-

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 30/04/2023

Aprovação do trabalho: 02/06/2022

Publicação do trabalho: 26/06/2023

 10.46230/2674-8266-15-10598

COMO CITAR

OLIVEIRA, Georgia Tath Lima de; MORAES, Ana Cristina de. A audiodescrição (AD) na formação estética de futuros(as) pedagogos(as). **Revista Linguagem em Foco**, v.15, n.2, 2023. p. 47-65. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/10598>.

Distribuído sob



Verificado com

Plagius
Detector de Plágio

investigación presentó naturaleza cualitativa (MINAYO, 2009), abordaje exploratorio (MINAYO, 2009; GIL, 2008), con subsidios de la investigación-formación (LONGAREZI; SILVA, 2013; NUNES; MOURA, 2019). El análisis de datos se dio por el método del análisis de contenido (BARDIN, 1979). Los resultados apuntaron que, además de ser un recurso de accesibilidad, la AD también puede actuar como un poderoso medio de formación estética, lo que es extremadamente importantes si tenemos en cuenta que esos profesionales son los responsables por enseñar el componente curricular de Arte en los años iniciales de la enseñanza primaria.

Palabras-clave

Audiodescripción. Formación Estética. Pedagogos.

Introdução

Nas últimas duas décadas, as discussões sobre a formação docente, inicial e continuada, têm sido objeto de estudo de diversos pesquisadores (SAVIANI, 2011; ANDRÉ, 2010; GATTI, 2010; TARDIF; LESSARD, 2005). Essa ênfase é decorrente das transformações sociais pelas quais a escola e os processos de ensino-aprendizagem vêm passando, delimitando novos objetivos para se adequar a novos contextos e a um novo público, cada vez mais diverso e, a cada dia, com mais acesso à informação.

É possível dizer que a formação docente é um processo que se estende ao longo da vida pessoal, acadêmica e profissional do professor, iniciado antes mesmo de seu ingresso na licenciatura e indo para além dela. Além disso, a formação docente também envolve as condições materiais que são oferecidas para o exercício da profissão, ou seja,

[...] a formação docente tem que ser pensada como um aprendizado profissional ao longo da vida, o que implica envolvimento dos professores em processos intencionais e planejados, que possibilitem mudanças em direção a uma prática efetiva em sala de aula (ANDRÉ, 2010, p. 176).

Por estar relacionada, ainda, às experiências vivenciadas pelos professores em seu local de trabalho, em sua comunidade e na sociedade de um modo geral, além da natureza acadêmico-profissional, a formação docente também se caracteriza por suas dimensões cultural, intelectual, política, ética e estética, atrelando-se à ideia de desenvolvimento profissional docente, assim como ao processo de construção da identidade desse profissional. Dentre as experiências que podem ser proporcionadas durante a formação docente destacamos as de natureza estética, cuja importância se revela na ampliação do repertório cultural desses profissionais, no desenvolvimento de sua criatividade, auxiliando-os na resolução de situações complexas em sala de aula, exigindo-lhe sensibilidade para lidar com as necessidades educacionais dos alunos, principalmente no ensino de Arte.

Para proporcionar experiências voltadas à formação estética de professores, podem ser propostos diferentes recursos e atividades. Partindo dessa afirmação, inicialmente propusemos a um grupo de alunos do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação de Itapipoca (FACEDI) da Universidade Estadual do Ceará (UECE), como parte do conteúdo da disciplina de Arte-Educação, a elaboração de fotografias que expressassem as “Linguagens artísticas na infância”. Em seguida, a partir dos conhecimentos sobre audiodescrição (AD), solicitamos que analisassem essas imagens e elaborassem roteiros de AD para elas. O objetivo da pesquisa foi o de investigar de que modo as atividades desenvolvidas durante as aulas da disciplina de Arte-Educação, envolvendo a elaboração de fotografias e roteiros de AD para essas fotografias, poderiam influenciar na formação estética de futuros(as) pedagogos(as). Todo o processo foi acompanhado pela pesquisadora, que é audiodescritora, e por uma audiodescritora consultora.

Na próxima seção discutimos brevemente a respeito do referencial teórico que orientou o desenvolvimento de nosso estudo.

1 Fundamentação Teórica

1.1 Formação Docente

No Brasil, os primeiros cursos voltados especificamente à formação de professores para atuar nas escolas de primeiras letras¹ foram as Escolas Normais (GATTI, 2010), criadas a partir de 1835 e tendo sido praticamente extintas com a Lei nº 5.692 de 1971. Em 2006, a Resolução nº 1/2006 aprova as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para os cursos de Pedagogia. Segundo esse documento, os professores egressos desses cursos poderiam atuar na educação infantil, nos anos iniciais do ensino fundamental (EF), no ensino médio (EM), mas somente em Escolas Normais, quando e onde estas existissem, na educação de jovens e adultos (EJA) e nas funções de coordenação, gestão escolar, elaboração e avaliação de projetos na área da Educação.

Pela data da resolução, percebe-se que a preocupação com a qualidade da formação de professores é muito recente e, por conta disso, ainda muito fragilizada, pois somente nas últimas décadas esse tema veio à tona nas discussões e investigação realizadas pelos pesquisadores da área da Educação (ANDRÉ,

1 As escolas de primeiras letras correspondiam às escolas de instrução primária do Império, criadas a partir de 1827 e onde atuavam, quase que exclusivamente, pessoas leigas, sem nenhum tipo de preparo profissional docente. Atualmente, a instrução primária é oferecida nos anos iniciais do ensino fundamental (EF).

2010). Essa resolução também expressa uma característica marcante dos cursos de Pedagogia: a complexidade curricular. Essa complexidade promove o que os pesquisadores (SAVIANI, 2011; ANDRÉ, 2010; GATTI, 2010) denominam de verdadeiro inchaço de disciplinas e conteúdos, além de uma compartimentalização de conhecimentos. Saviani (2011) reforça ainda que os cursos de Pedagogia se tornaram demasiadamente restritivos, assim como seus currículos excepcionalmente extensos e extenuantes.

A forma como uma sociedade e os governantes se relacionam com os professores pode ser bastante reveladora, sobretudo, da falta de interesse em investir na qualidade dessa profissão e na Educação de forma geral. No Brasil, o ensino e a Educação sempre foram consideradas áreas secundárias nas políticas públicas, onde se investe pouquíssimo e, sob quaisquer argumentos, se contingencia sem nenhuma hesitação. Sabe-se que não é de hoje que a formação de professores é definida por interesses de setores econômicos e mercadológicos, da iniciativa privada e internacional, a exemplo da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID), no período da ditadura militar, e hoje a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o Todos pela Educação, dentre outros que dissonam das vozes da comunidade acadêmica e, principalmente, das vozes dos próprios professores, negligenciando toda a sua contribuição para a Educação do país.

Uma formação de professores que não se comprometa em oferecer uma base teórica sólida e interdisciplinar e que também não promova a unidade entre teoria e prática, que não seja concebida nos moldes de uma gestão democrática e que desconsidere a importância da indissolubilidade do tripé ensino-pesquisa-extensão contribui para a precarização da profissão docente e para o desemprego de um alto contingente de profissionais. A manutenção de uma formação de professores nesses moldes interfere negativamente no desenvolvimento cultural, econômico e social de nosso país (TARDIF; LESSARD, 2005).

1.2 Arte-Educação

O ensino de Arte no Brasil teve início com a chegada da missão francesa ao país, momento em que foi instituído o método de ensino *laissez-faire*² nas escolas das elites. Esse método desestimulava o contato com a produção artística

2 O *laissez-faire* significa deixar fazer, ou seja, acreditava-se que a criatividade era uma característica inata e que o professor não deveria interferir no processo criativo do aluno, deixando-o livre para criar por si próprio.

existente no intuito de que os indivíduos expressassem sua criatividade latente sem que recorressem à imitação. Porém, impedir o contato com a produção artística existente para inibir a cópia e, assim, desenvolver a criatividade é um equívoco, pois somente a partir da fruição em Arte, que se dá pelo contato com a produção artística, é que se torna possível desenvolver a criatividade (EISNER, 2018).

O *laissez-faire* perdurou até o início do séc. XX, quando o cientificismo passou a predominar nas práticas docentes, inclusive no campo da Arte, tanto no ensino primário como no secundário. O desenho geométrico e industrial passou então a ser o principal conteúdo do currículo de Arte, objetivando formar mão-de-obra técnica específica para o trabalho em fábricas, de modo que o país pudesse se adequar às regras impostas pelo mercado externo.

Essas duas vertentes de ensino de Arte no Brasil foram extremamente danosas, a primeira por se restringir a uma elite e impedir o contato com a produção artística já existente, a segunda, claramente destinada às camadas populares, por excluir toda a possibilidade de fruição artística que se poderia experimentar durante o ensino (BARBOSA, 2018). Ambas impossibilitavam os indivíduos envolvidos de vivenciarem seus impulsos, sensível³ (SCHILLER, 2011) e criativo⁴ (OSTROWER, 2001), impedindo-os de terem uma formação estética.

É no processo de formação estética que ocorre a aprendizagem da gramática visual cotidiana, resultado do letramento para a realização da leitura da imagem no mundo (BARBOSA, 2018). A importância desse tipo de conhecimento é inerente à Arte, mas não se restringe ao ensino de Arte, principalmente em nossos dias, quando as imagens estão presentes, em profusão, nos mais variados contextos socioculturais, incluindo a escola. Por estes e outros motivos, a categoria do estético não pode ficar de fora da experiência escolar, se estamos vivendo a chamada civilização da imagem, é preciso que também os professores sejam capazes de ler os apelos visuais, cênicos, musicais que nos cercam.

Posteriormente, o ensino de Arte na escola passou a representar um mero acessório entre as aulas de disciplinas consideradas “de verdade”, como português e matemática, esvaziando, assim, a Arte de sua importância e conteúdos. Essa prática foi criticada por estudiosos da área, dentre os quais se destaca Read que, em 1943, propõe a educação pela Arte nos âmbitos escolar e acadêmico (DUARTE JUNIOR, 1994), proposta que subsequentemente veio a ser denomina-

3 Dimensão do estado físico dos indivíduos, referente às sensações, à sensibilidade, manifesto em sua relação com o contexto, com o meio e a natureza.

4 Potencial inerente ao indivíduo e, como potencial, precisa ser estimulado para que se realize, não somente por meio da Arte, mas em nosso cotidiano, em todas as situações de nossas vidas.

da de Arte-Educação.

A Arte-Educação é, portanto, uma tendência que desconstrói a compreensão de que o ser humano é fragmentado e que, por isso, em seu processo de aprendizagem, somente a razão deve ser atuante, devendo a emoção ser completamente descartada. A aprendizagem somente acontece pela conjunção das experiências (sentir) traduzidas e significadas pelas palavras e símbolos (pensar) (DUARTE JUNIOR, 1994).

Foi a partir dessas ideias que houve o que se considera como uma virada no campo do ensino de Arte, tornando-o mais contextualizado, significativo, interdisciplinar (BARBOSA, 2018) e atento às questões próprias das produções artísticas e culturais da humanidade. As características dos indivíduos que ensinam e que aprendem, assim como de suas comunidades, também foram levadas em consideração quando se passou a pensar em uma formação estética (LANIER, 2018), tanto na educação básica (EB) como na formação de professores para o ensino de Arte.

1.3 Experiência e Formação Estética de Professores

“A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (BONDÍA, 2002, p. 21). A experiência estética não está somente no objeto contemplado, tampouco somente na mente daquele que o contempla, mas na interação entre ambos, permitindo aos indivíduos que discirnam, divisem, compreendam as coisas no mundo, suas formas, tomando parte nessa experiência como seres ativos, não limitados às impressões sensíveis ou à condição de meros receptores das impressões que lhes causam as coisas do mundo. É a atitude que distingue as sensações passivas, provocadas pelas impressões sensíveis, da experiência estética propriamente dita. E é a experiência estética que move os indivíduos a agirem sobre as coisas do mundo, conferindo-lhes uma característica, ao mesmo tempo crítica e ética, bastante evidente.

A experiência estética é uma forma de apreensão do mundo, de apropriação de sensações e significados, não ocorrendo apenas por meio da Arte, mas, principalmente pela interação com ela (VÁZQUEZ, 1999). Além da interação com as produções artísticas, a contemplação da natureza, a interação dos indivíduos uns com os outros e com os mais variados objetos, também cabem dentro do que se entende por experiência estética. A produção artística, assim como as experiências com a natureza, possui origem ontológica, ou seja, diretamente vinculada ao cotidiano e às subjetividades dos seres sociais (LUKÁCS, 1963).

Dessa maneira, a formação estética do(a) futuro(a) pedagogo(a) funciona como uma força motriz que o(a) mobiliza a atuar como um ser ativo em distintos contextos e junto a diferentes indivíduos. O intuito é tornar as experiências coletivas mais significativas e prazerosas, estimulando o exercício do criar e do aprender, a percepção consciente (OSTROWER, 2001) da realidade circundante, a imaginação e a criação, sendo ao nível da imaginação que o processo de criação humana tem início. É pela formação estética, que visa ao aperfeiçoamento das distintas formas de interferência humana no mundo, tais como política, social, ética e artística, que a sensibilidade se desenvolve, propiciando o aperfeiçoamento da percepção e a aproximação com a criação (SCHILLER, 2011).

A sensibilidade é de extrema importância no processo de formação estética e os cursos de Pedagogia carecem, com urgência, de disciplinas e conteúdos que motivem essa sensibilidade nos futuros professores (MORAES, 2015). Da mesma forma, há uma necessidade de delineamento do perfil desses futuros profissionais, de modo que sejam mais criativos e sensíveis, capazes de promover experiências estéticas junto a outros sujeitos por meio de uma ação pedagógica que valorize os saberes artísticos-culturais da humanidade.

Para que o(a) pedagogo(a) atue no ensino de Arte, proporcionando experiências estéticas a seus alunos, ele(a) mesmo(a) precisa passar por um processo de formação a partir de experiências estéticas. Se isto não ocorre ao longo de sua vida, que ao menos ocorra na universidade, durante sua formação inicial, pois, somente dessa forma

[...] os trabalhos de alguns professores, dotados de experiências formativas estéticas, tenderão a repercutir nas vidas de seus educandos, quando da atuação destes na Educação Básica, possibilitando o crescimento de espaços de experimentação estética [...] (MORAES; OLIVEIRA; RIBEIRO, 2021, p. 154).

Embora o Brasil seja reconhecido por sua riqueza cultural, essa premissa não garantiu, até hoje, que todos tenham acesso ao acervo cultural nacional. Devido a questões diversas, muitos brasileiros encontram-se excluídos desse universo artístico-cultural, até mesmo futuros professores que irão trabalhar com o ensino de Arte na escola. Por conta disto, torna-se necessário que a universidade assuma esse papel de, durante a formação docente, promover experiências voltadas à formação estética desses futuros professores, senão em todos, pelo menos em boa parte dos componentes curriculares ofertados.

1.4 Audiodescrição

A audiodescrição (AD) é uma modalidade de Tradução Audiovisual acessível (TAVa) (JIMÉNEZ, 2010), que pode ser definida como

[...] tradução em palavras das impressões visuais de um objeto, seja ele um filme, uma obra de arte, uma peça de teatro, um espetáculo de dança ou um evento esportivo. O recurso tem o objetivo de tornar esses produtos acessíveis a pessoas com deficiência visual (FRANCO; ARAÚJO, 2011, p. 17).

A AD surgiu em meados da década de 1970, quando o professor da Universidade de São Francisco, Califórnia, Gregory Frasier, assistia a um filme na televisão junto a um amigo cego. Percebendo que nos momentos em que as cenas mostravam somente ação, sem diálogos, seu amigo precisava de informação adicional para entender o que se passava, Frasier começou a descrever o que considerava fundamental para acompanhar a trama (ADERALDO; NUNES, 2016).

Quem deu maior visibilidade a essa prática tradutória, dentro e fora dos Estados Unidos, inclusive definindo e tornando conhecida a denominação pela qual esse recurso é conhecido hoje, foram Margareth e Cody Pfanstiehl, desde sua atuação na Rádio Metropolitana de Washington, ou simplesmente EAR. A partir de então, estenderam suas atividades para o teatro, a programação televisiva, espetáculos de ópera, museus e monumentos (ADERALDO; NUNES, 2016).

O marco oficial da chegada da AD ao Brasil foi I Festival Internacional de Cinema Assim Vivemos, em 2003, o qual teve sua décima edição realizada de setembro a dezembro de 2021, com programação presencial e virtual. Atualmente, esse festival conta com uma programação que reúne exibição de filmes, debates e palestras sobre o tema da pessoa com deficiência (PcD). Embora a AD tenha sido pensada inicialmente para servir como recurso de acessibilidade comunicacional para pessoas com deficiência visual (PcDVs), nesta pesquisa extrapolamos esse uso inicial por entendermos que seu potencial vá muito mais além.

A AD possui uma estética a qual deve ser aprendida por quem se propõe à tarefa de audiodescrever (ALVES; ARAÚJO, 2016). Por possuir essa característica, consideramos que a própria experiência de analisar conteúdos visuais para a elaboração de roteiros de AD constitui-se, em si, uma experiência que pode conduzir a uma formação estética. Para Alves e Araújo (2016), a AD pode relacionar-se à percepção estética de maneira

[...] aberta e receptiva e, de modo geral, requer mais tempo que a mera experiência de reconhecimento. A experiência de reconhecimento corresponde a uma resposta rápida

e automática: isto é um pássaro, isto é uma cabeça. A **experiência estética**, ao contrário, **implica numa suspensão**. Ela **consiste em se deixar impregnar pelo objeto percebido e em mergulhar nele com atenção**, evitando a interrupção precipitada (KASTRUP; MORAES, 2010, p. 64 *apud* ALVES; ARAÚJO, 2016, p. 39, grifos nossos).

Nesse sentido, em nosso estudo buscamos proporcionar uma experiência ao nível estético por meio da AD. A proposta era a de estimular os participantes a se lançarem nessa tarefa de interagir qualitativamente com a imagem produzida, percebendo seus sentidos, afetos, texturas, emoções e o que mais fosse possível, para, finalmente, traduzi-la em palavras. Experiências dessa natureza também podem influenciar reflexões críticas acerca da realidade, por exemplo, sobre a presença de alunos com deficiência visual (AcDVs) em sala de aula e sobre como a formação docente deve estar atenta no sentido de preparar o futuro professor para atuar na promoção da inclusão de todos no ambiente escolar. Isto também pode favorecer uma discussão em torno dos modelos sob os quais vem sendo desenvolvida a formação docente nas universidades e se essa formação dá espaço em seus currículos para o desenvolvimento de atitudes de sensibilidade, empatia, ética, dentre outras que fazem parte da formação estética.

Outro aspecto que pode influenciar nesse processo de formação estética de professores a partir da AD tem a ver com a exploração da intersensorialidade (DE COSTER; MÜHLEIS, 2007; HOLLAND, 2009), que tanto pode estar presente na fotografia, por meio da combinação de técnicas e recursos fotográficos, assim como nos roteiros de AD, pela escolha de palavras que traduzam, por exemplo, impressões táteis (DE COSTER; MÜHLEIS, 2007), dando uma real ideia da interconexão entre os sentidos, o que possibilita vivenciar um experiência estética. Pelo motivo de os sentidos serem interdependentes entre si, é possível e necessário trabalhar com essas informações táteis, como sensações térmicas, nos roteiros de AD, de modo a se chegar ao coração de uma obra (HOLLAND, 2009).

Os primeiros estudos sobre AD no ensino no Brasil ainda são muito recentes (BARBOSA, 2009; VERGARA NUNES *et al.*, 2011; CUNHA, 2017; OLIVEIRA, 2018, dentre outros). Além disso, que seja de nosso conhecimento, o curso de Letras da UECE, assim como o Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) dessa mesma universidade, é um dos poucos no país que oferece componentes curriculares sobre AD. Como resultado, quando do desenvolvimento desta pesquisa na disciplina Arte-Educação do curso de Pedagogia da FACEDI/UECE, pouquíssimos alunos sabiam do que se tratava a AD, tendo tomado conhecimento do recurso fora da universidade, principalmente durante a pande-

mia da covid-19, quando divulgações de eventos virtuais com AD foram bastante difundidas.

Os trabalhos de Motta (2016) e Oliveira (2018) serviram como referência no momento de análise das fotografias e elaboração de seus roteiros de AD. Motta (2016, p. 14) afirma que

A escola como *locus* de construção de saberes e de formação de cidadãos precisa preparar docentes que sejam capazes de fazer a leitura desse mundo caoticamente imagético e de ensinar seus alunos a fazê-lo [...] Todas [as informações visuais] têm significado, daí a necessidade de fazer a leitura e traduzi-las em palavras, considerando principalmente a diversidade de alunos em sala de aula e as possíveis barreiras comunicacionais.

Acrescenta dizendo que seu maior objetivo enquanto pesquisadora é o de

[...] tornar a audiodescrição conhecida por professores, do ensino infantil à universidade, para que possam utilizá-la como recurso de acessibilidade e ferramenta pedagógica que ajude na remoção das barreiras comunicacionais na escola, lugar em que se utilizam, fartamente, recursos imagéticos (MOTTA, 2016, p. 15).

A autora oferece ainda as seguintes orientações para elaboração de roteiros de AD:

O primeiro passo para a elaboração da audiodescrição de imagens estáticas é fazer um desmantelamento dos elementos imagéticos, tendo em mente alguns aspectos como: assunto, artista/fotógrafo/autor, local e época, enquadramento e composição. Na leitura de uma obra de arte, por exemplo, além dos materiais empregados, outros elementos são levados em consideração, como: o ponto, a linha, o contorno, a direção, a cor, a textura, a dimensão, a escala, o movimento, a profundidade, o contraste e a simetria; assim como o conhecimento sobre técnicas no desenho, pintura e gravura (MOTTA, 2016, p. 39).

Além dessas orientações, também utilizamos as que Oliveira (2018) oferece em sua cartilha de AD com sugestões sobre como realizar a análise e descrição de imagens em contexto escolar. Dentre essas sugestões estão: descrever - o gênero (homem, mulher etc.), faixa etária (criança, jovem, adulto(a), meia idade, idoso(a)), cor de pele (branco, negro, pardo, amarelo etc.), tipo/cor do cabelo (liso, crespo, encaracolado, curto, médio, longo, ralo, preto, loiro, castanho, ruivo, grisalho, branco etc.), estatura (alto, mediano, baixo), formato/cor dos olhos (grandes, pequenos, amendoados, pretos, castanhos, verde, azul, cor de mel etc.), roupa (blusa, camiseta, calça, shorts, vestido, saia, colete, jaqueta, casaco, roupa de época etc.), plano de onde foi feita a foto (geral, médio, *close*, *close up*) e informações extratextuais, ou seja, que não estão na foto, mas que podem auxiliar em sua

compreensão.

A importância da leitura de imagens para o processo de formação estética de futuros(as) pedagogos(as) não se restringe somente ao campo do ensino de Arte. Estende-se a qualquer situação de nosso cotidiano, já que vivenciamos um tempo em que as imagens se apresentam em profusão e nos mais variados contextos socioculturais, incluindo a escola. Na próxima seção apresentamos a metodologia do estudo.

2 Metodologia

A pesquisa desenvolvida teve um caráter exploratório (MINAYO, 2009; GIL, 2008) e uma abordagem qualitativa (MINAYO, 2009), a partir da metodologia da pesquisa-formação (LONGAREZI; SILVA, 2013; NUNES; MOURA, 2019). A análise dos dados foi realizada pelo método da análise de conteúdo (BARDIN, 1979).

Os participantes da pesquisa foram nove (9) alunos⁵ do curso de Pedagogia da FACEDI/UECE matriculados na disciplina Arte-Educação no semestre 2021.1. O lócus foi o curso de Pedagogia da FACEDI/UECE, mas, em detrimento das condições sanitárias à época, impostas pela pandemia de covid-19, foram respeitadas as determinações do Decreto Estadual nº 33510/2020 (CEARÁ, 2020), as quais estabeleciam que as atividades acadêmicas, de extensão e de pesquisa nas universidades estaduais do Ceará deveriam ser desenvolvidas remotamente, então todo o contato com os participantes foi feito em meio virtual, pelo *Meet*, pelo *WhatsApp* e pelo *Google Classroom*. As atividades foram organizadas para acontecer em três encontros virtuais síncronos, com duração de 3h e 30 minutos cada, além de atividades assíncronas, totalizando 20 (vinte) horas/aula.

Antes do primeiro encontro, no privado do *WhatsApp* de cada aluno da turma, foi enviado um *link* que direcionava para um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), elaborado no *Google Forms*, no qual havia um convite para participação na pesquisa, além das explicações sobre a pesquisa e sobre a participação no estudo. Os alunos que aceitaram os termos de participação clicaram na opção “Sim” e, automaticamente, recebiam um questionário, também elaborado pelo *Google Forms*, que deveria ser respondido antes do início da formação. Nesse questionário, buscamos construir um perfil, no qual verificamos o nível de conhecimento dos participantes sobre AD.

5 Dos vinte e cinco (25) alunos matriculados na disciplina Arte-Educação no semestre letivo de 2021.1, apenas nove (9) aceitaram participar da pesquisa. Embora nem todos tenham aceitado contribuir com a pesquisa, os vinte e cinco (25) alunos participaram das atividades, tanto no momento da produção de fotografias quanto no da elaboração de roteiros de AD.

No primeiro encontro virtual, foi apresentada a proposta de pesquisa envolvendo a elaboração de fotografias seguida da elaboração de roteiros de AD para essas fotografias, além de uma explanação mais geral sobre o conteúdo, o cronograma e a natureza das atividades que seriam realizadas. Também foi escolhido o tema para a produção das fotografias: “Linguagens artísticas na infância”. No segundo encontro virtual síncrono, iniciamos as atividades fazendo nossa própria AD e do ambiente onde estávamos e orientamos os participantes para que também fizessem suas ADs, inclusive pelo fato de que quase todas as câmeras estavam desligadas. Sem saber direito como proceder, ainda assim, os participantes aceitaram o desafio de fazer a AD de si mesmos, com base no que havíamos feito.

Ainda no segundo encontro, iniciamos o conteúdo sobre AD, apresentando um pouco do surgimento, da evolução e das contribuições das pesquisas realizadas. Apresentamos em seguida as orientações de Motta (2016) e de Oliveira (2018). Também abordamos o tema da consultoria e da importância da participação da PcDV durante todo o processo de análise das imagens e de elaboração dos roteiros para a validação da qualidade da AD. Antes do final, foi solicitado que, ao longo da semana, os participantes fizessem uma fotografia com o tema escolhido no encontro anterior e que elaborassem uma proposta inicial de AD para a foto, a qual seria apresentada e revisada no encontro seguinte.

No terceiro e último encontro virtual, a consultora discutiu um pouco mais sobre a importância da consultoria no processo de elaboração de AD, falando também a respeito de suas experiências na área, em nível acadêmico e profissional. Após esse momento, solicitamos que, um por um, os participantes apresentassem suas fotografias e as propostas iniciais de AD para que pudéssemos revisá-las coletivamente e, a partir dessa revisão, a consultora pudesse mostrar um pouco, na prática, no que consistia a tarefa da consultoria. Informamos que todos poderiam dar sugestões sobre como o roteiro poderia ser melhor estruturado, indicando troca na ordem das palavras e frases, substituição de palavras por outras que considerassem mais adequadas, exclusão ou acréscimos de informações etc.

Após o encerramento do terceiro encontro, foi enviado um *link*, pelo *WhatsApp* de cada participante, para um segundo questionário. Com esse segundo questionário buscamos investigar a percepção dos participantes em relação às experiências vivenciadas durante as atividades e que contribuições essas experiências haviam oferecido para sua formação estética. Na próxima seção, apresentamos e discutimos alguns resultados de pesquisa.

3 Discussão dos Resultados

Como dito anteriormente, a pesquisa contou com a participação de nove (9) alunos do curso de Pedagogia da FACEDI/UECE matriculados na disciplina Arte-educação. Desses nove (9) participantes, quatro (4) indicaram que não sabiam do que se tratava a AD e os outros cinco (5) que somente tinham visto muito superficialmente em redes sociais e em chamadas para eventos acadêmicos virtuais, durante o período da pandemia, quando os eventos virtuais, inclusive acadêmicos, se multiplicaram, trazendo consigo a necessidade de acessibilidade para abranger o maior número de espectadores.

No segundo encontro, foi solicitado aos participantes que fizessem uma fotografia sobre “Linguagens artísticas na infância”, tema escolhido pelos alunos para orientar essa atividade. A seguir (Figura 1), apresentamos uma das fotografias produzidas, assim como o comentário do participante sobre o processo criativo de produção dessa arte visual.

Figura 1 – Fotografia intitulada “Construindo Arte”



Fonte: Acervo da disciplina Arte-Educação, Pedagogia, FACEDI/UECE 2021).

Comentário: Essa foto eu fiz hoje, pela manhã. Foi numa oficina que aconteceu há um tempo atrás no meu trabalho, eu trabalho numa cerâmica que produz lajes, tijolos, enfim. Então aconteceu uma oficina para que as pessoas da comunidade trabalhassem com argila. Eu lembro que o filho de um dos funcionários estava lá e ele perguntou o que era que a criança gostaria que ele fizesse e a criança disse que queria um coração. O pai perguntou o porquê e a criança respondeu que era porque amava o pai. Eu fiquei muito emocionada na hora. Lembro que estávamos em horário de trabalho, mas todo mundo parou, porque hoje em dia não é comum

a gente vê esses atos publicamente. Esse coração ficou no trabalho e faz tempo que tivemos essa oficina. Aí eu lembrei e resolvi fazer a foto. É uma lajota de fazer forro e não um tijolo (P9).

A seguir, apresentamos a proposta inicial de roteiro de AD elaborado pelo participante (P9) para sua fotografia.

Proposta inicial de roteiro de AD: A imagem exposta representa a figura de um coração, produzida a partir de um tijolo de argila, possibilitando perceber a estrutura do material esculpido à mão. Ao fundo da imagem vemos um ambiente verde de um jardim, que ao unir-se com a imagem do coração traz um ar de tranquilidade (P9).

Após trabalharmos coletivamente na revisão desse roteiro de AD, com a participação da consultora durante todo o processo, P9 refez seu texto, o qual apresentamos a seguir.

Proposta de AD após revisão e consultoria: Fotografia colorida, na vertical, feita por M.L.F.N, com o título “Construindo arte”, que mostra, ao centro, um coração feito de lajota. A lajota é de barro vermelho, sendo mais estreita que o tijolo de barro convencional, e é utilizada na construção de lajes e pisos. As laterais dessa lajota apresentam cinco furos, estruturas que lhe garantem a necessária resistência. Essas rígidas estruturas internas contrastam com a delicadeza externa da escultura, cuidadosamente arredondada para tomar a forma final de um coração. A peça repousa, em primeiro plano, sobre um parapeito de cimento. Ao fundo vemos a imagem desfocada de algumas palmeiras e outras plantas em um ambiente iluminado pela luz do dia, compondo uma atmosfera de suavidade e tranquilidade (P9).

Após o exercício de elaboração, revisão e consultoria dos roteiros de AD, ainda durante o encontro virtual, um dos participantes (P5) compartilhou o seguinte depoimento sobre as experiências vivenciadas com essas atividades na disciplina Arte-Educação:

Na verdade, eu achei bem interessante essa formação dentro da aula de Arte-Educação. Eu quero agradecer a vocês, a professora disse que é a terceira turma que vocês estão e eu estou tendo a alegria de ver esse trabalho, de conhecer esse trabalho. Eu gosto muito de Arte, de todas as formas, e isso me ajuda muito. Esse lado do audiovisual, de acessibilidade, antes eu era bem militante em relação às políticas públicas e uma das coisas que eu sempre batia na tecla era a dimensão de acessibilidade para pessoas com necessidades, para cadeirante, para pessoas com dificuldades audiovisuais, aí foi muita surpresa para mim estar vendo isso. Eu achei muito interessante na aula passada, na semana passada, meio que de surpresa, a professora pediu para eu fazer uma audiodescrição de mim. Ao longo da semana eu fui meio que fazendo isso com os meus colegas e meus irmãos daqui de casa, eu falei, fulano, imagina isso. Eu fiz com uma pessoa daqui de casa, um irmão, aí falei, fulano, senta aí, imagina que você está no teatro, fecha os olhos, aí

eu fui fazendo a audiodescrição da minha foto, que foi praticamente a mesma que mandei para a professora Geo. Foi tão interessante. Ele disse, “ah, eu consegui, sim, imaginar”. Aí quando eu mostrei a foto para ele, ele disse, “Eu imaginei, mas não imaginei dessa forma”. Aí eu fiquei pensando, qual a qualidade...? A minha audiodescrição vai falar muito àquele que vai me ouvir, eu realmente preciso falar bem, detalhadamente, talvez, para que o outro entenda (P5).

Sobre o aspecto mencionado na fala de P5, de que “Eu imaginei, mas não imaginei dessa forma”, a consultora destacou que o processo de imaginação é individual e que a intenção da AD não é a de que os espectadores imaginem a mesma imagem, cena, paisagem, objeto etc., mas de que, a partir da AD, tenham elementos suficientes para criar uma imagem mental e de discutir sobre essa imagem construída.

Após o encerramento do terceiro e último encontro, foi enviado um *link*, pelo *WhatsApp* de cada participante, para um segundo questionário. Com esse segundo questionário, buscamos investigar a percepção dos participantes em relação às experiências vivenciadas durante as atividades e que contribuições essas experiências haviam oferecido para sua formação estética como futuros(as) pedagogos(as). Apresentamos algumas das respostas a seguir.

Acredito que os pontos principais dessa atividade foram a empatia e a sensibilidade, fatores essenciais à prática docente. Poder experimentar a formação em AD, mesmo que em um curto período de tempo foi uma ótima maneira de aproximar os futuros docentes da compreensão sobre as necessidades do outro a partir de reflexões sobre como auxiliar a interação entre os pares (P1).

Foi uma experiência muito nova e inovadora ao meu ver. A AD era algo que nunca tinha tido contato, nunca tinha ouvido falar até o momento. Então foi muito bom conhecer um recurso que é de grande ajuda para que mais pessoas possam se sentir incluídas nas artes e apreciá-las também, então foi uma grande surpresa para mim a existência desse recurso para pessoas que são cegas ou têm baixa visão. E saber que eles também participam desse trabalho é muito importante (P2).

No meu primeiro contato com a audiodescrição na disciplina Arte-Educação aprendi um pouco sobre a importância desse recurso. Descobri que as audiodescrições podem acompanhar objetos, complementando a experiência. Na formação, no momento da vivência em que fechamos os olhos, ouvimos as audiodescrições de duas pinturas e tentamos imaginar como seriam essas pinturas e, em seguida, vimos a imagem que foi descrita, podendo comparar se a imagem mental que fizemos correspondia de alguma forma à imagem original, foi incrível. A aula como um todo foi uma experiência incrível, cheia de descobertas extremamente importantes (P7).

Essas reflexões nos evidenciaram a importância atribuída pelos partici-

pantes às atividades realizadas, a qual lhes proporcionou conhecimentos que, até aquele momento, o curso de Pedagogia não lhes havia proporcionado. Além disso, também verificamos que houve um entendimento de que esses conhecimentos lhes serão úteis quando de sua prática como futuros docentes na Educação Básica, seja na promoção da inclusão dos alunos ou na promoção de experiências estéticas. Finalmente, identificamos que houve uma percepção de que as atividades com AD contribuíram para a formação estética desses(as) futuros(as) Pedagogos(as), indicando que a empatia e a sensibilidade foram os aspectos que se sobressaíram ao final de todo o processo.

Considerações Finais

A Arte, reconhecida como importante dimensão da expressão humana, era concebida como privilégio de poucos, excluindo aqueles das camadas economicamente mais baixas. Além disso, nem se cogitava a possibilidade de que as PcDs tivessem interesse em Arte e, por isso, seu acesso foi completamente negado durante séculos. Somente muito recentemente, como resultado de suas reivindicações, essas pessoas passaram a ser reconhecidas como indivíduos com as mesmas necessidades das pessoas sem deficiência, incluindo-se o desejo por usufruir das produções artístico-culturais da humanidade.

A AD surge da necessidade de se ampliar a interação entre a PcDV e o meio, assim como desta com seus pares. A extensão de sua utilização foi muito bem recebida no campo da Arte, como um recurso que, finalmente, pôde ampliar o contato entre esses indivíduos e as produções artísticas humanas de forma autônoma e prazerosa.

O contato com a Arte, ou experiência estética, permite que os indivíduos, sem distinção, desenvolvam sua humanidade, aprimorando atitudes indispensáveis à vida social, como sensibilidade, criatividade, empatia, autoconhecimento, dentre outras. Privar os indivíduos do contato com esse campo de conhecimento, seja qual for a justificativa, é relegá-lo à condição de incivilidade.

A partir dessas reflexões, nos propusemos a desenvolver um estudo no qual pretendemos promover a interface entre AD e formação estética de futuros(as) pedagogos(as) na disciplina Arte-Educação, exatamente por acreditarmos que, para além da função primeira da AD, a de acessibilidade, esse recurso também fosse capaz de ir além, promovendo a formação estética dos que com ele tivessem contato. Percebemos que, a partir de todas as vivências que tivemos ao longo das atividades desenvolvidas, desde as aulas teóricas, assim como o pro-

cesso de análise e audiodescrição de fotografias, além dos diálogos que tecemos ao redor dessa temática, contribuíram para que os participantes passassem a compreender a importância do acesso irrestrito à Arte na vida de todas as pessoas.

Em nosso entendimento, essa mudança de comportamento, manifesta na forma de repensar valores, pensamentos, hábitos e práticas, verificada nos próprios depoimentos durante as aulas, além de nas respostas que os participantes deram aos instrumentos de pesquisa, nos apontam indícios de que, de fato, alcançamos os objetivos propostos. Além disso, houve o reconhecimento, por parte desses participantes, de que por meio da AD foi possível vivenciar uma formação estética, indicando que percorremos um caminho acertado.

Referências

- ADERALDO, Marisa F.; NUNES, Maria da S. A audiodescrição e a acessibilidade visual: breve percurso histórico. *In*: ADERALDO, Marisa F.; MASCARENHAS, Renata de O.; ALVES, Jefferson F.; ARAÚJO, Vera L. S.; DANTAS, João F. de L. (Orgs.) **Pesquisas Teóricas e Aplicadas em Audiodescrição**. Natal: EDUFRN, 2016. p. 14-42.
- ALVES, Soraya F.; ARAÚJO, Vera L. S. Formação do audiodescritor: a estética cinematográfica como base para o aprendizado da estética da audiodescrição. materiais, métodos e produtos. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 36, n. 3, p. 34-59, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ct/a/rz6d6wskf5yytWcqzBnG45k/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 fev. 2021.
- ANDRÉ, Marli. Formação de professores: a constituição de um campo de estudos. **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 3, p. 174-181, set./dez. 2010.
- ARAÚJO, V. L. S. **Aspectos teóricos e práticos da audiodescrição**. Fortaleza: EdUECE, 2017.
- BARBOSA, Ana M. Parâmetros Internacionais dos Pesquisadores em Arte Educação. *In*: BARBOSA, Ana M. **Arte-educação: leitura no subsolo**. 1. ed. [e-book]. 9. ed. São Paulo: 2018. p. 9-25.
- BARBOSA, Edilene R. **O uso da Tradução Audiovisual para o desenvolvimento da compreensão oral em Língua Espanhola**. 2009. 193 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará. Disponível em: <http://www.uece.br/posla/wp-content/uploads/sites/53/2019/11/edilenerodriguesbarbosa.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2020.
- BARDIN, Lawrence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.
- BONDÍA, Jorge L. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v. 1, n. 19, p. 20-28, 2002.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CP nº 1**, de 15 de maio de 2006. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Brasília: CNE, 2006.
- CEARÁ. **Decreto nº 33510**, de 16 de março de 2020, DOE – CE de 16 de março de 2020. Decreta situação de emergência em saúde e dispõe sobre medidas para enfrentamento e contenção da infecção humana pelo novo coronavírus. Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legisla>

cao/?id=390721. Acesso em: 16 maio 2021.

DE COSTER, Karin; MÜHLEIS, Volkmar. Intersensorial Translation: Visual Art Made Up by Words. *In: DÍAZ CINTAS, Jorge; ORERO, Pilar; REMAEL, Aline (Ed.). **Media for All: Subtitling for the Deaf, Audio Description, and Sign Language.** Amsterdam: Rodopi, 2007. p. 189-199.*

DUARTE JUNIOR, João F. **Por que Arte-Educação?** Campinas: Papirus, 1994.

EISNER, Elliot W. Estrutura e mágica no ensino de Arte. *In: BARBOSA, Ana M. **Arte-Educação: leituras no subsolo.** São Paulo: Cortez, 2018. p. 79-94.*

FRANCO, Eliana P. C.; ARAÚJO, Vera L. S. Questões terminológico-conceituais no campo da tradução audiovisual (TAV). **Tradução em Revista**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 1-23, 2011. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/18884/18884.PDFXXvmi=>. Acesso em: 3 dez. 2022.

GATTI, Bernardete A. Formação de professores no Brasil: características e problemas. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out.-dez. 2010.

GIL, Antônio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HOLLAND, Andrew. Audio Description in the Theatre and the Visual Arts: Images into Words. *In: DÍAZ CINTAS, Jorge; ANDERMAN, Gunilla. **Audiovisual Translation: Language Transfer on Screen.** Basingstoke; New York: Palgrave Macmillan, 2009. p. 170-185.*

JIMÉNEZ, Catalina. Un corpus de cine. Fundamentos teóricos de la audiodescripción. *In: JIMÉNEZ, Catalina. RODRÍGUEZ, Ana; SEIBEL, Claudia (Eds.). **Un corpus de cine. Teoría y práctica de la audiodescripción.** Granada: Tragacanto, 2010. p.13-56.*

LANIER, Vincent. Devolvendo Arte à Arte-Educação. *In: BARBOSA, Ana M. **Arte-educação: leitura no subsolo.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2018. p. 43-55.*

LONGAREZI, Andrea M.; SILVA, Jorge L. Pesquisa-formação: um olhar para sua constituição conceitual e política. **Revista Contrapontos**, Itajaí, v. 13, n. 3, p. 214-225, 2013.

LUKÁCS, György. **Estética 1: la peculiaridad de lo estético.** Barcelona: Grijalbo, 1963.

MINAYO, Maria C. de S. (Org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MORAES, Ana C. de; OLIVEIRA, Georgia T. L. de; RIBEIRO, Luís T. F. Saberes artísticos permeando a formação de pedagogos e seu Eco nas Escolas. **Revista Portuguesa de Educação**, Minho, v. 34, n. 1, p. 151-166, 2021.

MORAES, Ana C. de. **Educação estética em práticas antropofágicas na ampliação do repertório artístico-cultural de estudantes de Pedagogia (UECE).** 2015. 251 f. Tese (Doutorado Acadêmico em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2015.

MOTTA, Livia M. V. de M. **Audiodescrição na escola: Abrindo caminhos para leitura de mundo.** Campinas: Pontes Editores, 2016.

MOTTA, Livia M. V. de M.; ROMEU FILHO, Paulo. **Audiodescrição - Transformando Imagens em Palavras.** São Paulo: Secretaria de Estado dos Direitos das Pessoas com Deficiência, 2010.

NUNES, Miriam A. A.; MOURA, Maria da G. C. Pesquisa-formação: diáde que permeia o exercício da docência em contexto socioeducativo. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos – RBEP**, Brasília, v. 100, n. 254, p. 211-229, jan./abr. 2019.

OLIVEIRA, Georgia T. L. de. **Proposta de cartilha de audiodescrição didática para professores da Educação Básica.** 2018. 198 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará. 2018. Disponível em: <http://www.uece.br/posla/wp-content/uploads/>

sites/53/2019/11/DISSERTAC%CC%A7A%CC%83O_GEORGIA-TATH-LIMA-DE-OLIVEIRA.pdf. Acesso em: 10 maio 2018.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação**. Petrópolis: Vozes, 2001.

VÁZQUEZ, Adolfo S. **Um convite à estética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

VERGARA NUNES, Elton; DANDOLINI, Gertrudes A.; SOUZA, João A. de; VANZIN, Tarcísio. A audiodescrição binaural na produção de materiais didáticos acessíveis. *Cadernos de Informática*, Gramado, v. 6, n. 1, p. 249-252, 2011. CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE TELEMÁTICA, 5, 2011, Gramado. **Anais** [...]. Gramado: CITA, 2011.

SAVIANI, Dermeval. Formação de professores no Brasil: dilemas e perspectivas. **Poies Pedagógica**, Catalão, v. 9, n. 1, p. 07-19, jan./jun. 2011.

SCHILLER, Friedrich. **A Educação Estética do Homem**. São Paulo: EPU, 2011.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Petrópolis: Vozes, 2005.

Sobre as autoras

Georgia Tath Lima de Oliveira - Doutoranda em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará (UECE); Mestra em Educação (PPGE/UECE); Mestra em Linguística Aplicada (PosLA/UECE); Fortaleza/Ceará; E-mail: gtathlo@gmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6025170705226546>; OrcID: <https://orcid.org/0000-0001-5492-1671>.

Ana Cristina de Moraes - Pós-doutora em Educação (UFC); Doutora em Educação (UNICAMP); Mestra em Educação (UFC); Professora Adjunta (UECE); Professor(a) do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UECE) e do Mestrado Acadêmico Intercampi em Educação e Ensino (MAIE/UECE) da Universidade Estadual do Ceará (UECE); Fortaleza-CE; E-mail: cris.moraes@uece.br; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2212174289272193>; OrcID: <https://orcid.org/0000-0002-8650-8272>.